



Associação de Professores

ENSINAR É INVESTIGAR

BOLETIM INFORMATIVO Nº15

DEZEMBRO 2005

Editorial

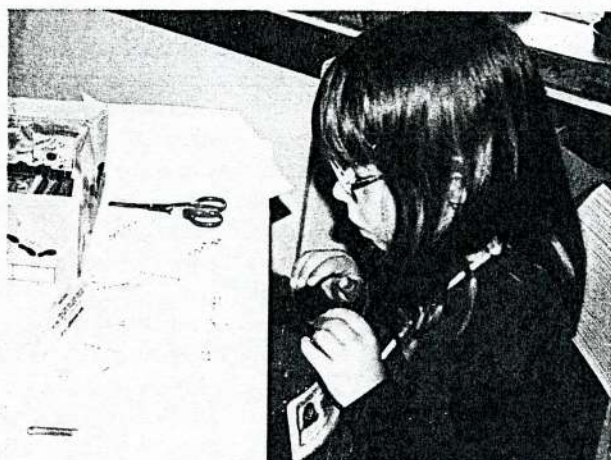
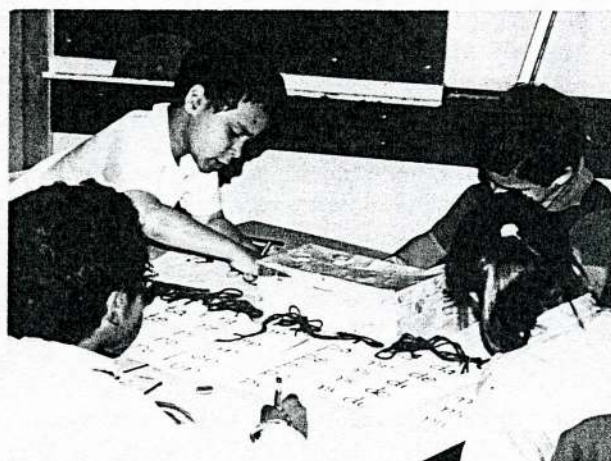
Neste ano lectivo o Ministério da Educação entendeu, e por bem, dar prioridade ao ensino da Matemática. No seu Plano de Formação para 2006, também esta Associação a privilegiou com uma bolsa de catorze oficinas de formação, a realizar de Fevereiro a Julho e de Setembro a Dezembro nas regiões do Porto, Coimbra, Lisboa, Abrantes e Ponte de Sor.

O Modelo Pedagógico Ensinar é Investigar, assente numa teoria construtivista, é a fonte inspiradora dessas Acções. É um dado adquirido que a criança deve ser parte activa na construção do seu próprio conhecimento. Nessa construção é conhecido o valor dos materiais manipulativos cujos procedimentos, inerentes à sua utilização, devem ser verbalizados e reflectidos pelos alunos em interacção, tendo em vista, no seu termo, a abstracção matemática. Tanto quanto se sabe, esta prática apenas tem sido preocupação de um limitado número de professores.

Apesar desta prioridade actual, e porque no nosso último boletim se deu também um maior relevo à Matemática, decidiu-se compilar, neste novo número, alguns textos das nossas colaboradoras sobre leitura e escrita, cujo desempenho por parte dos alunos tem sido, no geral, fraco. Como se sabe, há estudos realizados (Sim Sim e Ramalho 93, Benavente e al 96, Delgado Martins e al 2000) que mostram resultados muito baixos mesmo em tarefas simples de tratamento da informação, como sejam localizar, seleccionar, inferir, interpretar, editar.

Ora, com as nossas Acções de Formação, pretende-se que os professores, não só conheçam as teorias que suportam o modelo pedagógico mas, acima de tudo, exercitem a sua aplicação, percebam os seus efeitos, antecipem possíveis resultados nos alunos, para melhor as integrem no quotidiano das suas práticas pedagógicas. Deste modo, poderão levar os alunos a atingir elevados níveis de desempenho com vista ao efectivo desenvolvimento das suas capacidades matemáticas e linguísticas.

Maria Helena Oliva



Leituras...

A propósito da leitura e da escrita relemos o Documento 12 do Volume I - "Da Criança ao Aluno" e o Documento 30 do Volume II - "Eu e os Outros" (Um Itinerário Pedagógico - Ensinar é Investigar). Apresentamos alguns excertos.

"Uma das disciplinas que tem despertado mais interesse nos últimos anos, e em relação à qual existem inúmeras abordagens numa tentativa de compreender e tentar resolver o problema grave do insucesso escolar, tem sido a leitura. Também a psicolinguística lhe dedicou atenção recente tentando compreender a natureza do acto de ler e isolando-o dos métodos de ensino que durante muitos anos deturpam e esconderam o verdadeiro processo de leitura." (Doc. 12)

"Embora, segundo uma perspectiva psicolinguística, os factores cognitivos e linguísticos estejam mais próximos da aprendizagem da leitura, o facto de a criança ler, em primeiro lugar, textos que são significativos para ela, leva-nos a considerar a motivação e o meio onde a criança se movimenta como factores importantes no sucesso da leitura." (Doc. 12)

"O princípio da primazia semântica, que explica a aquisição da língua através da correspondência cognitiva e verbal, precisa ser reconhecido pela escola na aquisição da língua escrita. É evidente que a consideração deste princípio vai exigir maior cuidado com as diferenças individuais em cognição e linguagem, vai determinar um estilo de ensino menos sistemático e homogeneizado e vai requerer professores melhor informados e preparados tecnicamente." (Doc. 30)

"Tanto os princípios do desenvolvimento mental como a construção interna de conhecimentos, veiculados pela psicologia genética de Piaget, são cada vez mais conhecidos e reconhecidos pelos educadores, mas permanecem num nível teórico, sem serem integrados na prática pedagógica." (Doc. 30)

"Um problema ainda mais grave é que, frequentemente, na escola, a escrita é introduzida por elementos isolados, que se associam gradativamente. Para compreender a fala, a criança integra diferentes níveis de conhecimentos: linguísticos, do mundo, do falante, de regras de conversação, etc. Na aprendizagem da leitura e escrita, não é permitido à criança utilizar esses processos que lhe são eficazes, porque o material que lhe é oferecido é limitado a letras, sílabas e, quando muito, a palavras isoladas, o que dificulta o uso dos processos cognitivos e das chaves de contexto utilizadas na aquisição da fala. A eficiente trajectória de ouvir, entender e falar, construída pela criança, é ignorada e instala-se um processo de ensino que desconsidera o que a criança já sabe sobre a sua língua e sobre o mundo e a forma activa como ela aprendeu esta língua.

Devem ser bastante artificiais para a criança os processos fonéticos, alfabéticos e silábicos de aquisição da escrita, uma vez que sons isolados não são uma realidade nem para a recepção, nem para a produção da fala." (Doc. 30)

A linguagem escrita

Uma reflexão da professora Maria Luísa Azevedo, nossa associada e colaboradora do Núcleo do Norte.

Tudo começa muito antes da entrada para a escola primária e, por isso, a aprendizagem nunca parte do zero, tendo uma pré-história à qual Vigostky atribuiu grande importância porque dela vai depender a relação que a criança vai estabelecer com a sua própria aprendizagem.

O interesse pela linguagem escrita varia com a qualidade, frequência e valor das actividades de leitura e escrita desenvolvidas pelos que de mais de perto convivem com a criança, quer sejam do seu meio ambiente familiar, social ou cultural.

Desta forma não é de admirar que umas crianças tenham tido a oportunidade de aprender informalmente um conjunto de conhecimentos relacionados com a linguagem escrita e as suas variadas utilizações, enquanto que outras não tiveram ocasião de interiorizar saberes e vivências com ela relacionados. Para estas crianças a linguagem escrita não faz parte do seu universo afectivo e cognitivo, e não tem qualquer sentido.

Contudo, o projecto de vida familiar não é o único que influencia o desenvolvimento dos sentidos e as razões para aprender a ler. As múltiplas experiências tidas quer no jardim de infância, quer nas escolas do 1º ciclo, podem igualmente influenciar esse desenvolvimento e ser mesmo determinantes. Sempre que essas experiências são pouco frequentes, ou se encontram desajustadas às necessidades da criança, o seu envolvimento na aprendizagem é cada vez menor, e corre-se o risco, em última análise, de insucesso escolar e, até, de abandono da escola. Um baixo nível de escolaridade, associado a outras possíveis causas, pode estar na origem e contribuir para a iliteracia da nossa população.

É tarefa do professor, organizar um conjunto de actividades lúdicas que, sendo significativas, vão de encontro aos interesses das crianças, proporcionando-lhes prazer, e de modo que se associem com as de literacia. O jogo sócio-dramático potencializa o desenvolvimento daquela, permitindo à criança, mesmo antes da entrada na escola, contactos informais e espontâneos com a leitura e escrita. É por isso fundamental associar as actividades lúdicas com os domínios da literacia.

O professor, ao propiciar este tipo de contextos em que decorre o ensino-aprendizagem, ao apresentar estratégias e actividades que potencializam a aprendizagem em geral, e a da leitura e escrita em particular, está a proporcionar à criança felicidade e gosto pela aprendizagem.

Luísa Azevedo

A Escrita - reflexão

A professora Maria José Rento, Coordenadora do Núcleo de Abrantes-Ponte de Sor, apresenta-nos uma breve reflexão sobre o ensino-aprendizagem da escrita.

Olha já sei escrever!

A palavra gatinha
Sem nada por cima
A palavra rompe
 Investe
 Perfura
Comprida a palavra perde-se
Em redor da mesa reveste-se e organiza-se
A palavra precisa de ternura

...

José Afonso
Textos e Canções

A escrita traduz o que nos vai no íntimo e no momento oportuno revelamo-lo e libertamo-lo. Saber escrever é, porém, uma arte difícil. Escrever é traçar letras, juntá-las segundo determinadas regras para formar palavras, ordená-las para construir frases e organizar as frases de modo a compor um texto que transmita, com lógica, uma ideia. Não é fácil este processo. Ele exige todo um treino que não se adquire de um dia para o outro.

As competências necessárias a estes saberes adquirem-se pouco a pouco, através de estímulos proporcionados pelo meio envolvente. São experiências contínuas cujas representações mentais, sobre o sistema escrito, dão sentido ao que se quer transmitir.

Todo o trabalho de iniciação à escrita deve ser perspectivado de forma a criar situações de aprendizagem que promovam a produção de escrita pelos alunos, tendo em conta a funcionalidade e discursividade. Eles precisam de escrever muito, por sua iniciativa ou quando são motivados. E escrever significa exprimir ideias, comunicando aos outros aquilo que se pretende.

Então, devemos incentivar os alunos a escrever: em grupo; a pares; colectivamente; a meias com a professora; em círculo de amigos; para o jornal da escola; para um colega de outra turma/escola... Enfim, são trocas de ideias acerca do tema, título, tipo de texto, ilustração, ortografia, pontuação, ... ideias partilhadas entre si e o outro ou outros.

A diversificação de estratégias (não fazer *mais do mesmo*) incentiva ao desenvolvimento do gosto pela escrita. Assim, os alunos podem: escrever livremente sobre um tema ou algo que lhes desperte o interesse; escrever a propósito de uma actividade ou provocados por um tema; relatar, por escrito, algo que foi vivido; legendar imagens; completar textos; inventar histórias fantásticas; reescrever uma notícia lida ou ouvida; transformar textos lidos noutros tipos de texto; ...

Finalmente, e muito ficou por reflectir, há que ter em conta que quem escreve: precisa de uma regularidade temporal para o fazer; precisa de construir e organizar os seus tópicos; precisa de réplica; precisa de aprender os mecanismos da escrita no momento em que precisa deles; precisa de conhecer e contactar com adultos que escrevem; precisa de ler.

Deste modo a sala de aula deve ser um *livro* para escrever e ler.

Maria José Rento

Trabalho de Aluna

Esta reflexão é ilustrada com o texto de uma aluna do 3º ano da EBI de Ponte de Sor. A proposta de trabalho que lhe esteve na origem envolvia duas formas de expressão – o desenho e a escrita – e tinha como tema: Uma mulher passeia e chove.

Uma mulher passeia e chove

Num dia de Inverno uma mulher vestiu-se e foi dar um passeio. Essa mulher chama-se Anabela mas quando ela viu que estava a chover, voltou para trás, foi buscar a sombrinha e lá foi ela dar o seu passeio. Ela disse:

- Ah! Hoje está uma tempestade! Que horror! Que gelo, devia ter trazido um cachecol de lã.

- Ai! Quase que ia pondo o pé na poça. Eu não estou a gostar do aspecto do céu. Agora como é que eu vou dar o meu passeio!?

- Eu acho que não posso ir ao resto do meu passeio, está a chover.

- Tenho de voltar a outra hora. Que pena, queria tanto!

O vento estava muito forte quase que lhe virava a sombrinha. O céu estava muito cinzento. Ela estava a congelar com tanto frio.

A erva estava toda molhada, a estrada estava com gelo.

A Natureza estava adormecida!

Os Animais estavam a morrer de frio.

As nuvens estavam carregadas de chuva. As ruas estavam inundadas, era só água!

Mas o pior é que junto com a chuva caía geada, e a chuva estava intensa, e gelada.

A Anabela nunca mais vai esquecer aquele dia de chuva!!!

Andreia Paulo
3º ano – turma A



A Leitura e a Escrita

Das nossas coordenadoras do Núcleo do Norte, Dulce Lavajo e Sofia Freitas, divulgamos um artigo sobre a aprendizagem da leitura/escrita, o qual foi publicado em Novembro de 2004 no número 8 do Boletim do Centro de Formação das Escolas de Espinho – “Voz Activa” – que teve como tema central a Leitura.

Ao entrar para a escola, todas as crianças construíram ideias acerca da escrita e da leitura. É importante que elas experimentem, ao longo do 1º ciclo do Ensino Básico, percursos integradores do que já sabem e favoráveis à descoberta da escrita e da leitura.

Para isso, é fundamental que na aprendizagem da Escrita e da Leitura se mobilizem situações de diálogo, de cooperação, de confronto de opiniões; se fomente a curiosidade de aprender; se descubra e desenvolva, nas dimensões cultural, lúdica e estética da Língua, o gosto de falar, de ler e de escrever.

Na sala de aula, o professor deve dar aos alunos a possibilidade de escrever, encontrar com eles os sentidos implícitos nas suas tentativas de escrita (garatuja, letras isoladas ou agrupadas em estruturas que se assemelham a palavras e outros escritos cada vez mais elaborados).

Partir das produções dos alunos e utilizá-las como apoio significa construir com eles um percurso de (re)descoberta da Língua.

Para aprender a ler e a escrever é preciso não só escrever e ler muito, mas, principalmente, é preciso que a prática da escrita e da leitura esteja associada a situações de prazer, de reforço da autoconfiança.

Factores necessários à aprendizagem da leitura/escrita

Ler e escrever são actos complexos que exigem capacidades e comportamentos diversos e envolvem actividades de várias estruturas. São, simultaneamente, actos intelectuais, visuais, fonéticos, sociais e culturais; actividades onde actuam uma série de factores e componentes de carácter sensorial, intelectual, linguístico, fisiológico e psicológico, que se articulam entre si. À medida que o desenvolvimento perceptual se vai dando, a criança vai percebendo o que está a fazer e a reflectir sobre como e porque faz as coisas, isto é, aprende a pensar.

Simultaneamente, as estruturas cognitivas vão-se reorganizando e controlando as experiências perceptivas. Segundo Ginsburg & Opper, esta organização dos esquemas é gradual, tem como bases esquemas anteriores e evolui através da maturação do indivíduo e da sua actividade e experiência. O processo de leitura deve ser encarado como um fenómeno desenvolvimentalista

para o qual há certas condições necessárias e suficientes; há mudanças qualitativas e quantitativas e há uma série de competências baseadas na cognição e na linguagem.

Uma das componentes essenciais no processo de leitura é o símbolo gráfico. O modo como o leitor o vê e como ele vai extrair significado desses símbolos são problemas que a criança precisa de solucionar e para os quais necessita de maturidade intelectual.

Se a criança não tiver experiência de manusear os objectos e observar a página impressa, as suas características de discriminação perceptual falharão em relação à selecção do material escrito. Do mesmo modo, quando a criança observa e discrimina uma letra, ela poderá ter dificuldades em verificar que a letra faz parte de uma unidade maior, a palavra. Assim, a criança necessita de dominar o conceito de classificação múltipla.

A orientação e a ordenação são requisitos fundamentais para a decifração e compreensão da leitura. As duas tarefas estão relacionadas com a organização do pensamento espacial. O grau de desenvolvimento desta capacidade afecta o modo como a criança percebe o código escrito.

Disposições afectivas

Uma criança que vive numa família culturalmente rica e estimulante beneficiará da vantagem de ir adquirindo uma linguagem rica e variada. Por outro lado, a criança oriunda de um meio menos favorecido economicamente e culturalmente terá mais dificuldade, pois deverá não só aprender a ler, mas também a adaptar-se a uma linguagem e a modos de comunicação que não pertencem à sua vida quotidiana. Ler terá, certamente, uma significação diferente para ambos os casos, pois a importância atribuída à aquisição da leitura pelos pais constitui um dos elementos da sua situação afectiva que orienta a criança para a leitura.

Smethurst define duas atitudes importantes para que as crianças aprendam a ler com sucesso: o desejo de aprender a ler e a atitude positiva da criança para com os livros, as histórias e a leitura em geral. A investigação tem demonstrado que para activar os mecanismos que levam a criança a gostar de ler e escrever é importante que, desde muito cedo, as crianças se tornem conscientes de que as palavras escritas têm significado e que a linguagem escrita, do mesmo modo que a falada, transmite significado.

Deste modo, podemos afirmar que antes de serem dominadas as técnicas de decodificação, é necessário desenvolver um conjunto complexo de conceitos, competências e atitudes que se designam

de comportamentos emergentes de leitura. A aquisição destes comportamentos é um processo gradual.

Os métodos

Existe uma variedade de processos para ensinar a ler crianças, mas todos se reduzem a dois métodos fundamentais: os **sintéticos** e os **globais**. Ambos procuram fazer compreender à criança a existência de uma certa correspondência entre os símbolos da língua escrita e os sons da língua falada.

Os métodos sintéticos, os mais antigos, são baseados nos princípios filosóficos e pedagógicos da Psicologia Behaviorista, iniciando-se a aprendizagem pela unidade menor – o fonema – e, através da fusão silábica, formam-se as palavras, e estas, por sua vez, formam frases.

Logo que a criança se torna capaz de reunir os sinais isolados, impõe-se a escolha de palavras simples que não pertencem ao seu vocabulário, frases estranhas à sua maneira de se exprimir.

Um outro inconveniente deste método, em consequência da sua progressão sistemática, é que ele impõe um ensino colectivo que obriga todos os alunos a avançarem ao mesmo ritmo; enquanto os bem dotados perdem o seu tempo, os mais fracos não acompanham, correndo ambos o risco de nunca mais adquirirem o gosto pela leitura.

Os métodos globais de contos ou de frases têm por base as teorias psicológicas cognitivas / desenvolvimentalistas de Piaget, põem a tónica na importância do indivíduo na construção da sua aprendizagem e da sua personalidade. Através de experiências e actividades, a criança faz as suas descobertas realizando uma auto-aprendizagem.

O papel do professor será o de organizar o espaço e os materiais, propondo actividades estimulantes.

Estes métodos tomam em consideração uma particularidade importante do psiquismo infantil chamada sincretismo ou função de globalização: a criança vê globalmente; apercebe conjuntos e, na medida em que os seus interesses, as suas necessidades o comandam, analisa as partes.

Os métodos globais ensinam a ler, partindo de narrativas curtas geralmente contadas pelas próprias crianças e transcritas pelo professor.

Na sala de aula, é necessário dispor de material que permita reproduzir textos das crianças e que o professor individualize o seu ensino, pois, com este processo, cada aluno “caminha” ao seu ritmo.

Em jeito de conclusão, podemos parafrasear Daniel Pennac (1993) “*O meio mais seguro e de que nunca nos lembramos é criar o desejo de aprender. Dêem à criança esse desejo e deixem o resto.*” (...)

Dulce Lavajo e Sofia Freitas

Eu mexi na barreira.
Eu mexi na barreira
Nós estivemos com a mão na barreira
Nós estivemos com a mão na barreira



Método Global de Frases... no Ensinar é Investigar

Porquê a escolha deste método?

Porque respeita a evolução natural da criança e contribui para o seu **desenvolvimento global**.

É coerente com os princípios epistemológicos e psicopedagógicos defendidos pelo Ensinar é Investigar, pois vai ao encontro das **necessidades e interesses** da criança.

O método parte de vivências do grupo/turma e dos seus contextos verbais, sobretudo através de actividades lúdicas como jogos, contos, dramatizações, canções, passeios-descoberta... o que propicia um **ambiente estimulante**.

O método favorece um envolvimento activo e afectivo da criança no seu próprio processo de aquisição da leitura... o que constitui a sua **motivação**.

Neste processo de **aprendizagem/desenvolvimento** vão sendo desenvolvidas as seguintes capacidades:

perceptivas - discriminação visual, auditiva, coordenação visual-motora, ...

operatórias - orientação espacial; ordenação e apreensão do tempo; estabelecimento de relações lógico-matemáticas (classificação, comparação, seriação, ...).

representação-comunicação dos conceitos em construção (pela acção, icónica e oral).

O método ajuda o aluno a **tomar consciência das seguintes relações**:

linguagem oral / linguagem escrita;
significado/significante; todo/parte (frase/palavra, palavra/sílaba, sílaba/letra); sílaba fónica/sílaba gráfica; fonema/grafema.

Na metodologia utilizada promove-se o trabalho de grupo, onde as interacções dos alunos são fundamentais, não só para a socialização do grupo/turma como para uma aprendizagem mais desafiadora, motivadora e aprofundada.

Maria Helena Oliva